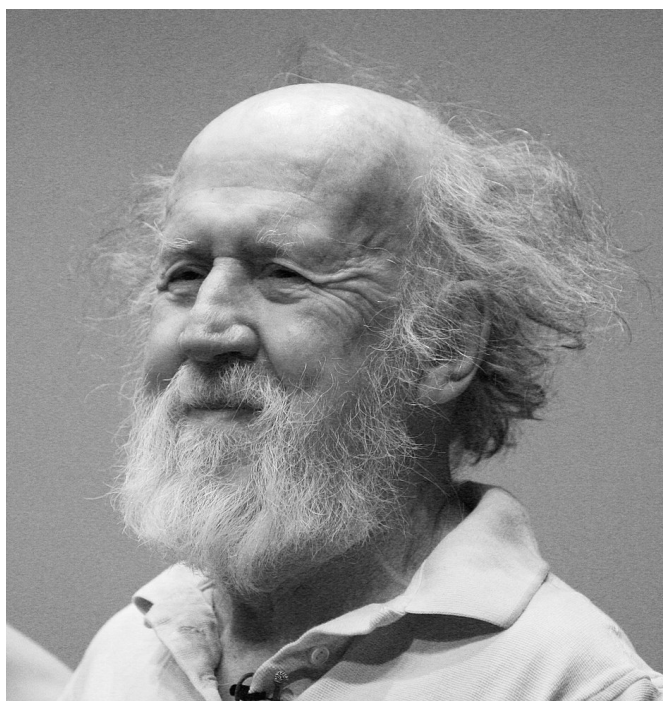


notícias

Obituário



Créditos: Art-en-Ciel via Wikimédia

Hubert Reeves

13 de Julho de 1932

13 de Outubro de 2023

A notícia da morte de Hubert Reeves (1932-2023) transportou-me para a minha adolescência. De facto, o seu livro "Um pouco mais de azul", editado pela Gradiva em 1983, marcou-me ao ponto de ser uma das sementes que me levou a querer ser físico e participar na maravilhosa aventura que é a descoberta do nosso universo.

Reeves dedicou-se ao estudo da formação dos elementos químicos nos primórdios do Universo e foi um divulgador de ciência conhecido à escala planetária. A sua paixão pela ciência não era separável do prazer de falar sobre ela. Segundo ele, a astronomia permitia compreender e fazer Física, mas também sonhar, o que tornava este ramo científico apelativo para o grande público. O que

o movia era a curiosidade, que não conhecia fronteiras. Numa entrevista à Gazeta de Física, declarava que sempre quis conhecer o universo onde vivemos, interessando-se desde novo por ciência, fosse a Física, a Astronomia ou a Botânica, tendo optado pela primeira apenas porque gostava de Matemática.

Seguramente porque entendia o quão especial era o nosso planeta, perdido na imensidão do universo, Reeves foi um ativista climático muito antes de se falar em ativistas climáticos. Preocupava-o a ameaça que paira sobre a beleza do nosso mundo, em risco pelas ações do ser humano.

Voltando à minha adolescência, fiquei maravilhado ao ler sobre a evolução das estrelas e como nós somos literalmente pó de estrelas, uma vez que é nelas que são forjados uma boa parte dos átomos de que somos feitos. Tal como acontecia a Reeves, o cosmos sempre me fez sonhar. Curiosamente, o título do livro que me marcou deve-se não ao autor, mas ao tradutor, que brilhantemente se inspirou no célebre poema de Mário de Sá-Carneiro para substituir o *Patience dans l'azur*, que Reeves roubou a Paul Valéry. E também por isso sou grato a Reeves, pois foi o seu livro que me levou, por caminhos ínvios, ao poeta. Tal como me levou a Baudelaire, que nos exortava a sacudir o fardo do tempo através da embriaguez de vinho, de poesia ou de virtude. Nos livros de Reeves, encontrei essa embriaguez de beleza e conhecimento.

Nunca conheci Hubert Reeves, mas os seus livros acompanharam-me ao longo das últimas décadas. Com ele aprendi que a ciência e a poesia são complementares. São diferentes formas de tentarmos compreender o universo onde nos calhou viver.

Nuno Castro

Departamento de Física da Escola de Ciências da Universidade do Minho

LIP – Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Partículas